

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

ESTUDO DA FICÇÃO DE ROBERTO DRUMMOND SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA: UMA INTRODUÇÃO

STUDY OF ROBERT DRUMMOND'S FICTION IN THE BAKHTINIAN PERSPECTIVE: AN INTRODUCTION

Maurício Silva¹

RESUMO: O presente trabalho procura analisar a produção ficcional de Roberto Drummond a partir dos conceitos elaborados pelo crítico russo Mikhail Bakhtin, destacando, para tanto, três aspectos possíveis: uma dimensão dialógica, uma dimensão polifônica e uma dimensão carnavalesca.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Drummond, Mikhail Bakhtin, Dialogismo, Polifonia, Carnavalesca

ABSTRACT: This paper attempts to analyze the Roberto Drummond fiction from the concepts developed by the Russian critic Mikhail Bakhtin, and points out three perspectives: a pedagogical dimension, a dimension polyphonic and carnivalesque dimension.

KEYWORDS: Roberto Drummond, Mikhail Bakhtin, Dialogism, Polyphony, Carnivalization

A crítica literária parece ter sofrido uma verdadeira revolução hermenêutica com as teses formuladas por Mikhail Bakhtin na segunda metade desse século, entre as quais podemos destacar aquelas que, de uma forma ou de outra, estabelecem relação direta com as idéias de intertextualidade, de plurivocalismo e de carnavalesca. No emaranhado de tendências estéticas contemporâneas, a ficção de Roberto Drummond destaca-se como uma das produções literárias mais consistentes, marcada por um percurso que vai do romance contestatório ao realismo crítico dos anos oitenta, sem dispensar abordagens relacionadas ao engajamento político. Mas é no tratamento estético conferido aos seus romances, aqui analisados sob a ótica de alguns

¹ Mestre e Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor de Literatura Brasileira e Coordenador da Pós-Graduação *Lato Sensu* na Universidade Nove de

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

princípios bakhtinianos, que podemos entrever suas principais marcas literárias.

Marcas estéticas em Roberto Drummond

Os indícios de uma *dimensão dialógica* na obra de Roberto Drummond podem ser percebidos nas relações freqüentes que os diversos componentes de seus romances estabelecem entre si, dando-nos a impressão de estarmos lendo não uma série de narrativas distintas de um mesmo autor, mas, ao contrário, capítulos mais ou menos extensos de um único romance. O dialogismo, nesse sentido, relaciona-se à idéia de intertextualidade, que pode ser entendida como a capacidade que um texto literário tem de remeter a outro(s) texto(s), do próprio autor ou de autor alheio, promovendo uma espécie de “diálogo universal dos textos” (SCHÜLLER, 1989, p. 25). Embora tal conceito não tenha sido criado originalmente por Bakhtin, foi o crítico russo quem promoveu as condições necessárias - a partir da formulação do conceito de dialogismo – para que, mais tarde, Julia Kristeva pudesse dar uma formulação mais consistente ao termo (TODOROV, 1981).

Em Roberto Drummond, a ocorrência desse fenômeno é assinalada quando nos damos conta de que vários de seus contos *dialogam* com outras obras do autor, seja enquanto motivo literário (os olhos verdes), enquanto referência (São Domingos Sávio) ou enquanto estilo (a linguagem retirada da narrativa futebolística). Assim, pode-se perceber facilmente a incidência da intertextualidade ao compararmos, por exemplo, alguns contos recolhidos em *Quando fui morto em Cuba* (1982) e o romance *Sangue de Coca-Cola* (1985). O mesmo efeito é causado ainda pelas inúmeras referências que o autor faz a elementos do universo cinematográfico, sobretudo aos atores hollywoodianos, os quais atravessam quase todas as suas primeiras obras, num contínuo

Julho (São Paulo).

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

entrecruzar-se, num inesgotável fluxo intertextual. E, nesse sentido, pode-se tomar como paradigma de um procedimento narrativo declaradamente intertextual seu romance *Ontem à noite era Sexta-feira* (1988).

Apesar da freqüente ocorrência de *diálogos*, a dialogia não é a mais incisiva nem a dimensão bakhtiniana mais presente na obra de Roberto Drummond. Sobretudo se a compararmos com a ocorrência da polifonia. Em crítica literária, o termo polifonia pode ser entendido como uma pluralidade de vozes prevalentes, isto é, ideologias que se mantêm independentes e se manifestam individualmente (LODGE, 1990). Nas palavras de seu próprio idealizador, o romance polifônico busca “representar a idéia do outro, conservando-lhe toda a plenivalência enquanto idéia, mas mantendo simultaneamente a distância, sem afirmá-la nem fundi-la com sua própria ideologia representada” (BAKHTIN, 1981, p. 71).

Em seus romances e contos, Roberto Drummond procura dar liberdade às mais diferentes ideologias, a fim de que estas se manifestem de modo independente e plurivalente. Dessa forma, mesclam-se em suas obras mundividências diversas, às vezes, contrárias, sempre plurais, criando assim uma autêntica *rede polifônica*: emerge a visão do revolucionário, do político, do ditador, do policial ou do simples cidadão. E com essas visões, suas múltiplas opiniões, idéias, linguagens, enfim, suas mais variadas vozes.

Uma terceira dimensão estética presente na obra do romancista mineiro é a carnavalização, talvez a mais evidente de todas. Estudando a cultura da Idade Média e do Renascimento por meio da obra de Rabelais, Bakhtin detecta na obra desse autor francês alguns indícios de uma inversão do código literário comum, de duplicidade narrativa e estética, de inversão de gêneros e concepções existenciais, a que dá o nome de carnavalização. Trata-se, em poucas palavras, de uma inversão geral dos códigos tradicionais, a fim de criar um sentido marcado pela ambigüidade e pelo não-canônico (BAKHTIN, 1987).

Em Roberto Drummond, a carnavalização pode ser percebida, por exemplo, na tentativa de o autor nos apresentar uma história contada às

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

avessas, ora pela ótica do revolucionário, ora pela ótica do elemento popular (sempre presente em suas obras), ora pela perspectiva da ditadura. A história oficial deixa de se manifestar como uma verdade única – dir-se-ia, canônica –, para se manifestar como *histórias*. Além disso, seu discurso histórico inverte-se quando se mescla ao discurso ficcional, desfazendo as fronteiras entre ficção e história. Um exemplo dessa duplicidade, dessa inversão de códigos, é a maneira como o autor, às vezes, nos apresenta um aspecto da realidade brasileira, numa original mistura entre política, crítica social e futebol, como ocorre em *Quando fui morto em Cuba*:

“Heleno de Freitas mata a pelota no peito, desvencilha-se de Oscar, passa também por Luizinho e vai driblando: dribla a fome brasileira, dribla a solidão brasileira, dribla a mortalidade infantil brasileira, e vai evoluindo, lá vai ele, o grande Heleno de Freitas como um raio vermelho rumo ao gol, é o gol da felicidade que está pintando, torcedor amigo, lá vai Heleno de Freitas, dribla o salário mínimo dos trabalhadores do Brasil, deixa o desemprego de quatro na grama, dribla a concentração de riqueza nas mãos dos ricos, passa pela miséria dos trabalhadores das fazendas do Brasiil, dribla a desesperança dos índios, vence Falcão, vence Cerezo, o ópio do povo vem em socorro de Cerezo, é driblado, vem o latifúndio, dá combate ao grande Heleno de Freitas...” (DRUMMOND, 1982, p. 80).

Nesse exemplo singular, é possível perceber a tentativa obstinada de inverter o códigos tradicionais da narrativa, não apenas no que se refere à linguagem, mas também na forma como as idéias presentes no texto são concebidas pelo autor. A visão que o autor nos apresenta da história do Brasil revela-se uma mescla desordenada de perspectivas que, não raro, beira ao *nonsense*, misturando cinema, política, rituais místico-religiosos etc. Consolidase, assim, mais uma dimensão bakhtiniana na obra do romancista mineiro, completando uma rede de relações estéticas e um substrato literário marcado pela presença das marcas literárias aqui sugeridas.

A linguagem literária de Roberto Drummond

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

Não se pode falar em conceitos bakhtinianos na obra de Roberto Drummond sem destinar uma especial atenção à linguagem utilizada pelo romancista, a qual adquire um estatuto especial em sua produção literária, principalmente porque uma análise mais acurada da expressão narrativa de Roberto Drummond revela-nos a ocorrência dos três aspectos acima citados.

Com efeito, no que se refere ao dialogismo, sua linguagem apresenta-se como uma rede de intersecções que busca mesclar o discurso erudito ao popular ou a expressão lírica à prosaica, numa clara tendência à negação da expressão linear, optando pela pluralidade narrativa. Isso acontece, por exemplo, com frequência em *Hitler manda lembranças* (1984) e em *A morte de D. J. em Paris* (1975).

No que se refere à polifonia, é possível notar nos romances de Roberto Drummond uma tentativa de criar não apenas obras plurivocais, mas também plurilingüísticas, onde vários gêneros e tendências narrativas se apresentam de forma independente: em *Sangue de Coca-Cola*, por exemplo, é comum a emergência de um discurso jornalístico ao lado do confessional, sendo que nenhum dos dois se misturam ou prevalecem, evidenciando um claro *descentramento narrativo*, conceito aliás caro às teorias de Bakhtin. Em *Quando fui morto em Cuba*, a opção é por uma diversidade maior das estruturas narrativas, que podem adquirir a forma de pequenos períodos, de uma conversa telefônica ou de um inquérito policial. Em *Hitler manda lembranças*, finalmente, pequenas narrativas aparentemente desconexas (melhor seria dizer: prevalentes), vão-se unindo para dar ao romance uma unidade personalíssima.

Em relação à carnavalização na linguagem de Roberto Drummond, qualquer leitura de seus romances revelar-nos-á um verdadeiro processo de desagregação – a que já aludimos antes – da linearidade narrativa: trata-se de uma espécie de inversão dos cânones lingüísticos tradicionalmente empregados na narrativa ficcional. Em *A morte de D. J. em Paris*, por exemplo, pode-se detectar ora a ausência de uma paragrafação formal (“Isabel numa 5ª.

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

feira”), ora a narrativa em forma de inquérito policial (“Objetos pertencentes a Fernando B, misteriosamente desaparecido”), ora um conto formado por um único parágrafo, marcado pela repetição mecânica de idéias (“O doce blue das hienas”), ora ainda uma narrativa criada a partir da adaptação livre de vocábulos latinos (“Rosa, Rosa, Rosae”). A alusão à escrituração mecânica, aliás, não é aleatória: faz, igualmente, parte do processo de carnavalização promovido pelo autor, já que ele emprega uma narrativa de natureza claramente surrealista, que apreendeu no seu contato com a *arte pop*, como revela esse pequeno excerto de *Quando fui morto em Cuba*:

“Para não errar o alvo, pegou uma lagosta do Recife, cento e cinquenta gramas de manteiga, um discurso de Fidel Castro, sal, pimenta, sonho, quatro colheres de óleo, cinco colheres de conhaque, a velha guitarra de Jimmi Hendrix, dois terços de uma xícara de vinho branco e a voz mais rouca de Janis Joplin, picou duas cebolinhas verdes, John, Paul, George e Ringo, seis tomates, descascou os tomates na água morna, juntou um desafio do Cego Aderaldo, fatias de Gláuber Rocha e Ingmar Bergman, etc” (DRUMMOND, 1982, p. 131).

Mas, sem dúvida alguma, a principal marca de sua adesão de Roberto Drummond ao processo de carnavalização da linguagem ficcional se dá pela prevalência das *fontes populares* (o termo é do próprio Bakhtin) em praticamente todos os seus romances, sobretudo nos primeiros, como se pode verificar principalmente em *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado* (1982) e um pouco menos em *Hilda Furacão* (1991).

Conclusão

Pelo que ficou exposto, parece-nos bastante verossímil a ocorrência, em Roberto Drummond, de um feixe diversificado de características estéticas analisáveis a partir das teses bakhtinianas. A própria crítica reconhece – embora não o diga nesses termos – a existência de uma estrutura bastante matizada em sua produção literária (MEDINA, 1985; LUCAS, 1985), resultando

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

na incidência de uma variedade estilística e temática próxima daquelas sugeridas por Bakhtin em obras tão diversas quanto as de Dostoievski ou Rabelais. Não se trata aqui, e essa não é nossa pretensão, comparar autores ou obras, mas antes verificar a viabilidade de se ler os romances e contos de Roberto Drummond por meio de uma perspectiva que engrandeça ainda mais uma obra já reconhecidamente superior.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense-universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília, Hucitec/Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo, Unesp/Hucitec, 1990.
- DRUMMOND, Roberto. **A Morte de D. J. em Paris**. São Paulo, Ática, 1975.
- DRUMMOND, Roberto. **Quando fui morto em Cuba**. São Paulo, Ática, 1982.
- DRUMMOND, Roberto. **O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado**. São Paulo, Ática, 1982
- DRUMMOND, Roberto. **Hitler manda lembranças**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- DRUMMOND, Roberto. **Sangue de Coca-Cola**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DRUMMOND, Roberto. **Ontem à noite era Sexta-feira**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
- DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo, Siciliano, 1991.
- LODGE, David. **After Bakhtin. Essays on Fiction and Criticism**. London/New

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 2	p. 05-12	2011 – jul. / dez.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

York, Routledge, 1990.

LUCAS, Fábio. **O Caráter Social da Ficção do Brasil**. São Paulo, Ática, 1985.

MEDINA, Cremilda. “Roberto Drummond: de Radical 'Pop' à Serenidade Realista”. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, Vol. 20, No. 968: 08, Abr. 1985.

SCHÜLLER, Donald. **Teoria do Romance**. São Paulo, Ática, 1989, p. 25.

TODOROV, Tzvetan. **Mikhaïl Bakhtine. Le Principe Dialogique**. Paris, Seuil, 1981.